

Centralidades intra-urbanas

Paula Raquel ascimento Ferreira - paularaquel9@gmail.com ; Paula Raquel ascimento Ferreira - paularaquel9@gmail.com ;

Centralidades; Funções urbanas.

Com uma topografia irregular, a cidade medieval sobrevive ainda hoje nas ruínas e vestígios seculares, mais ou menos evidentes, ou na organização morfo-funcional de muitas cidades europeias contemporâneas.

Era uma organização urbana que, no seu conjunto, se apresentava radioconcêntrica onde, em lugar de destaque, ainda se detinha a catedral. Com ela coexistiam edifícios representativos da organização e governação da cidade, conservando alguns deles, ainda hoje, imponentes fachadas. Era também neste espaço que se realizavam os mercados semanais, importantes pontos de encontro tanto a nível comercial e como a nível social, assistindo-se desta forma à nuclearização da cidade

No entanto, a cidade de hoje pouco se identifica com este núcleo primitivo que durante séculos assumiu um papel centralizador de todas as actividades a ela inerentes. Ao longo da segunda metade do século XX, a perda de importância deste centro resultou, por um lado, do seu esvaziamento demográfico e do envelhecimento populacional e, por outro lado, da progressiva incursão, nestas áreas, de população pertencente aos segmentos socioeconómicos mais desfavorecidos.

Consolidam-se outras áreas na cidade, geralmente contíguas a estes núcleos. Mas, também aqui se vislumbram sintomas semelhantes aos diagnosticados nos antigos centros – a saída da população residente que acarretou o fim das actividades económicas associadas à função residencial, transformando-se estas áreas em centros de negócio onde as construções antigas são substituídas por outras mais recentes, com outro tipo de ocupação - a terciarização intensiva, que invadiu os espaços vazios, expulsando os residentes e as actividades que aí se encontravam, desde início, para novas localizações fora deste centro.

A cidade monocêntrica esfuma-se na cidade policêntrica.

Formam-se novos centros localizados no interior da cidade ou ao longo dos eixos de circulação mais importantes bem como junto dos nós de acesso. Concorrem com os centros tradicionais,

assumindo-se como pólos dinamizadores de toda a actividade económica, social e cultural da cidade.

Surge um novo modelo de cidade onde os problemas do seu centro tradicional resultam do aparecimento de novos territórios de consumo de bens e serviços, onde novos equipamentos e novos territórios urbanos assumem novas escalas, com é exemplo as grandes superfícies comerciais, mais concorrenciais que a área central, que oferecem um comércio especializado, hipermercados, serviços pessoais e de lazer, entre outros, com a comodidade do estacionamento e da diversidade ao nível da restauração.

Desta forma, o consumo associado à actividade económica altera a estrutura económica das cidades, reconvertendo-se progressivamente a imagem da cidade - as altas chaminés fabris, símbolo da cidade do século XIX vão sendo substituídas pelos espaços de grandes dimensões onde predominam as actividades de consumo - o hipermercado ou o centro comercial, símbolos da cidade contemporânea.

Multiplicam-se as zonas de actividades e de atracção deixando de haver um só centro para compras e de emprego terciário bem definidas, passando estas a ser em maior número. Este facto resulta, por um lado, do desenvolvimento das acessibilidades e por outro, da rápida transmissão da informação, possibilitando um maior leque de escolhas e de localizações.

Também, os fenómenos e processos sociais específicos das cidades emergem com outras nuances surgindo novos tipos de famílias, novos lugares e modalidades de sociabilidade (mediadas pelas máquinas interactivas, sociabilidade telemática e informática).

Estas alterações, que se foram sucedendo nas últimas décadas, reflectem-se na organização espacial das cidades, criando-se novas centralidades que se assumem como pólos dinamizadores de toda a actividade económica, social e cultural, organizadas em rede ou autonomamente, responsáveis directas da organização espacial da cidade.

São estas as novas centralidades que resultam de organizações intencionais ou espontâneas, resultado daqueles que as habitam, frequentam e utilizam.

Ergue-se a cidade policêntrica, produto da ocupação de novos territórios.

A cidade compacta fragmenta-se em espaços distintos com formações urbanas complexas, territorialmente descontínuas, que se alastram pelo território, organizadas em rede ou autonomamente, responsáveis directas da organização espacial.

Perante estas dinâmicas urbanas importa compreender a relação entre a cidade e as suas centralidades, já que o centro tradicional imiscui-se com as centralidades mais recentes que, muitas vezes, concorrem directamente com ele, assumindo papéis de destaque na organização funcional e espacial da cidade.

Procura-se assim, identificar diferentes tipologias de centralidades intra-urbanas, de acordo com as funções centrais constituintes de cada uma delas, e respectiva importância face aos utilizadores das mesmas.

Se o aspecto formal de uma cidade reflecte as etapas do seu crescimento no espaço, o aspecto funcional (residência, trabalho e lazer - que explicam os movimentos e crescimento da população, a diferente utilização do solo urbano e a sua acessibilidade), permite compreender o seu funcionamento e aprofundar as razões do seu crescimento.

Nesta cidade policêntrica e multifuncional as centralidades são aquelas áreas que melhor traduzem o próprio valor da cidade, onde se concentram funções denominadas de centrais espelhando a dinâmica da aglomeração urbana e da área envolvente.

Assim, a cidade deve ser olhada como um território onde coexistem vários centros, um dos quais a área central tradicional. Desta forma, a perda de importância desta área não deve ser mais encarada como um facto irreversível e negativo, mas sim como consequência de um processo mais ou menos longo da sua adaptação à nova organização urbana que se encontra em contínua transformação.